

AS SUPER-HEROÍNAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO *

Gelson Vanderlei Weschenfelder **

Ana Colling ***

Resumo. As transformações que ocorreram na história nos últimos cem anos tiveram eco nas páginas das histórias em quadrinhos de super-heróis. Estes quadrinhos, ao refletirem sobre as mudanças sociais e políticas ressaltaram a questão da diferença e as relações de gênero construídas socialmente. As histórias em quadrinhos com seus super-heróis e heroínas também foram responsáveis por trazer para os meios de comunicação de massa o debate sobre a diferença entre os sexos. As mulheres estiveram presentes nas HQ's, primeiramente como coadjuvantes, sendo o objeto das maquinações dos vilões, e, acompanhando os novos tempos com as marchas dos movimentos feministas, passam ao papel principal, transformando-se em super-heroínas. O presente artigo irá abordar os temas acima descritos nas histórias das personagens: Mulher-Maravilha, Jean Grey e Tempestade.

Palavras-chave: Super-heroínas; Relações de gênero; História em quadrinhos.

COMIC BOOKS SUPERHEROINES AND THE GENDER RELATIONS

Abstract. The transformations occurred in history in the last century had reflected on the pages of the superheroes comic books. Such comics, while they consider about the social changes, they emphasize the subject matter of the difference and the gender relations socially constructed. The comic stories with their superheroes and heroines were also the responsible for bringing up to the mass media a discussion about the difference between sexes. Women were present in the comic books firstly as supporting characters, as the target of the villains' evil plans. Keeping pace with the new times and the feminist movements, they pass on to the leading role, transforming into the super heroines. This article will approach the themes described above in the plots of the characters Wonder Woman, Jean Grey and Storm.

Key Words: Super Heroines; gender relations; comics.

* Artigo recebido em 01/02/2011. Aprovado em 07/04/2011.

** Mestre em Educação pela Unilasalle/RS. E-mail: gellfilo@terra.com.br

*** Professora do Programa de Pós-graduação em Educação do Unilasalle/RS.

LAS SUPER HEROÍNAS DE LAS HISTORIETAS Y LAS RELACIONES DE GÉNERO

Resumen. Las transformaciones ocurridas en la historia de los últimos cien años tuvieron eco en las historietas de los superhéroes. Al reflejar los cambios sociales y políticos, dichas historietas resaltaron la cuestión de la diferencia y las relaciones de género construidas socialmente. Los cómics con superhéroes y heroínas también fueron responsables por llevar el debate sobre la diferencia entre los sexos a los medios de comunicación de masa. Primero, las mujeres estuvieron presentes como coadyuvantes, siendo objeto de las maquinaciones de los villanos; mas, acompañando los nuevos tiempos con las marchas feministas, obtuvieron el papel principal, transformándose en súper heroínas. Este artículo abordará estos temas en las historietas de la Mujer Maravilla, Jean Grey y Tempestad.

Palabras clave: Súper heroína; Relaciones de género; Historietas.

1. INTRODUÇÃO

Sem dúvida, a categoria gênero reivindica para si em um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre homens e mulheres. Como nova categoria, o gênero vem procurando dialogar com outras categorias históricas já existentes, mas vulgarmente ainda é usado como sinônimo de mulher (MATOS, 2000, p. 16).

As Histórias em Quadrinhos propiciaram a discussão sobre a diferença para dentro de suas páginas, sendo pioneiras em trazer tais questões para os meios de comunicação de massa. Temas como direitos humanos, o lugar social do negro e da mulher; ainda eram questões tidas como menores e, conseqüentemente, discutidas por ativistas e militantes em seus meios de comunicação restritos.

No começo das HQ's, para as mulheres restavam apenas dois papéis: vítima das maquinções dos vilões, ou desempenhando uma atividade secundária, auxiliando o super-herói masculino. Se a sociedade era masculina, patriarcal, reservando somente ao homem o protagonismo social, político e cultural, restava à mulher somente a subjugação ao domínio masculino, as histórias em quadrinhos refletiam este mesmo modelo. A passividade feminina estava incorporada nas mentes das mulheres nas décadas de 1920 e 1930, quando nasceram as primeiras

HQ's de super-heróis. Sabemos muito bem que não é por subordinado(a) ou oprimida(o) que tem-se uma visão libertária.

É óbvio que, se admitirmos que a violência simbólica se exerce prioritariamente sobre as mulheres, não podemos supor que basta ser-se mulher para se ter uma visão verdadeiramente histórica das mulheres. A visão feminina é uma visão dominada, que não vê a si própria (BOURDIEU, 1995, p. 59)

O nascimento da primeira super-heroína das HQ's, corre paralelo com a história do movimento feminista nos Estados Unidos. Os anos de 1930 e 1940 representam um período em que, formalmente, muitas reivindicações das mulheres haviam sido atendidas: podiam votar e ser votadas em praticamente todo o ocidente¹, ingressar em instituições escolares, participar do mercado de trabalho etc, havendo crescente reconhecimento da cidadania das mulheres. Mas este período é também marcado pela eclosão da Segunda Guerra Mundial.

A afirmação da igualdade entre os sexos vai confluir com as necessidades econômicas daquele momento histórico. Valoriza-se, mais do que nunca, a participação da mulher na esfera do trabalho, no momento em que se torna necessário liberar a mão-de-obra masculina particular, nos países diretamente envolvidos no conflito (ALVES, 1985, p.50).

Apesar dos argumentos colocados acima, quando o conflito tem fim, as relações de gênero, carregadas de relações de poder voltam a aparecer. Assim como na 1ª Guerra Mundial, o reconhecimento das capacidades das mulheres enfrenta resistências que a guerra não eliminou. As mulheres são convocadas a retornar ao seu "verdadeiro" lugar, o lar, deixando as tarefas que assumiram durante os conflitos para o chefe, a autoridade que retornou.

É nesta conjuntura política, no início da década de 1940 que surge a primeira personagem super-heroína das HQ's. Nasce, a *Mulher Maravilha*, pelas mãos do psicólogo, ativista dos direitos humanos e do movimento feminista, William Moulton Marston.

¹ Também no caso brasileiro. As mulheres conquistaram o direito ao sufrágio universal em 1932. Apesar de o movimento feminino sufragista ser atuante, em 1932 Getúlio Vargas "oferece" às mulheres o direito do voto. No Código Eleitoral de 1932 o argumento para a incorporação das mulheres à cidadania política é centrado no desejo de modernizar o país equiparando o Brasil às sociedades avançadas.

A Mulher Maravilha é criada como antípoda ou contrapartida dos novos tempos, ao super-herói *Super-Homem*, é a versão feminina do campeão superpoderoso, e décadas mais tarde, foi adotada até mesmo pelos movimentos feministas.

No meio do turbilhão do movimento por direitos civis e da libertação feminina em 1963, Stan Lee² cria os *X-men*, os mutantes que trazem explicitamente, para as páginas das HQ's questões como discriminação e gênero. A HQ's dos X-men foi a primeira revista da *Marvel Comics*³ a apresentar super-heroínas em papéis de grande destaque. *Jean Grey* era uma das primeiras personagens femininas a entrar para a *Escola para Jovens Super Dotados, o Instituto Xavier*, o restante eram todos homens. Mas as *X-women* da década de 1970, como por exemplo, a super-heroína *Tempestade*, refletia a mudança social da época. Eram pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro.

2. A AMAZONA MULHER-MARAVILHA

Para Chartier (1995), a mitologia nada mais é do que uma avalanche de discursos e representações, com autores masculinos num discurso a-histórico produzindo a cultura. As representações do mundo antigo, mais precisamente do mundo greco-romano, provêm do olhar masculino. Na Grécia Antiga, a mulher ocupava uma posição inferior à do homem, e possuía pouquíssimos direitos. Ocupava posição equivalente à do escravo que executava trabalhos manuais e era desvalorizado pelo homem livre. Em Atenas, ser livre era ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro⁴.

Segundo Chartier, o “mito resolve a distância insuperável que separa os dois sexos. Por outro lado, instala no coração da sua própria narrativa o trabalho impagável da diferença” (CHARTIER, 1995, p. 37).

As guerreiras Amazonas eram um povo da mitologia grega, que vivia na ilha de *Themyscira*. A palavra ‘amazona’ tem origem incerta, alguns estudiosos firmam que vem da raiz ariana *há-mazan*, que significa

² Criador dos personagens Homem-Aranha, Hulk, Quarteto Fantástico entre outros.

³ *Marvel Comics* é uma editora norte-americana de histórias em quadrinhos pertencente à *Marvel Entertainment/Disney*. Com sede, em Nova Iorque, é uma das mais importantes editoras do gênero no mundo, tendo criado a maioria dos mais importantes e populares super-heróis, anti-heróis e vilões do mundo das histórias em quadrinhos.

⁴ Chico Buarque de Holanda, cantor e compositor brasileiro, retratou a misoginia grega em “Mulheres de Atenas” de uma forma candente.

'guerreiro', enquanto outros creem que vem da raiz *amastos*, que significa 'aquela sem seio' (KNOWLES, 2008, p. 179), uma referência ao fato de que, as amazonas mutilavam as meninas ao nascer, removiam as glândulas mamárias do lado direito, para facilitar o tiro de arco (BOLTON, 2004, p. 133). Homero se referia às amazonas como as *Antianeirai*, o que significa "as que odeiam homens" (BOLTON, 2004, 133).

As amazonas não suportavam a presença masculina. Diz a lenda (BULFINCH, 2006) que em Themyscira era proibida a entrada de homens, pois a rainha *Hipólita* sofreu a traição de um homem e desde então baniu a presença deles. Abriam uma exceção caso o homem fosse um empregado encarregado de uma tarefa bem desprezível. Mas estas guerreiras se serviam de estrangeiros e viajantes para engravidar; pois, homens eram necessários para a perpetuação de seu povo. Caso o fruto dessa união breve fosse um menino, a tribo livrava-se dele imediatamente. Algumas versões descrevem como estes meninos eram descartáveis. Alguns dizem que eram aleijados e abandonados para morrer ou, com sorte, abandonados nas estradas para algum viajante encontrá-lo e adotá-lo. Em outras versões, estes meninos eram cegados e abandonados posteriormente, ou ainda mortos ao nascer sem piedade ou remorso. Mas, de acordo com algumas lendas, os mais afortunados eram criados para servir como escravos no futuro (BOLTON, 2004, p. 133). Este relato mítico tenta mostrar as mulheres como pura maldade em consequência do ódio aos homens.

Segundo a lenda, estas guerreiras veneravam o deus *Ares*⁵, que se casou com uma rainha amazona, *Otrere* e tiveram uma filha, que mais tarde, ocupou o lugar da mãe (BOLTON, 2004, p. 132). Eram temidas guerreiras, consideradas tão fortes quanto os homens, tão selvagens quanto feras, e mais perigosas que víboras, uma vez que eram racionais e astutas. Mas as guerreiras amazonas não seguiam somente os passos do deus *Ares*, a deusa *Ártemis* era venerada por todas, deusa virgem que representava a força feminina.

Não é de se estranhar, que estas míticas lendárias guerreiras se tenham tornado um símbolo de liberdade das oprimidas mulheres gregas.

Os homens sentiam um grande respeito por elas. A maioria não sabia se deveria sentir medo ou admira-las. O fato de haver mulheres com força igual ou superior à dos homens, e que ainda os tratavam como seres descartáveis, era um pouco assustador (BOLTON, 2004, p. 132).

⁵ Deus da Guerra na Mitologia Grega.

É dentro deste contexto mitológico que nasce em 1941, a super-heroína, *Mulher-Maravilha*. Foi a pioneira, a primeira super-heroína das HQ's, pela *DC Comics*⁶. Mas este ícone feminista não foi inventado por uma mulher, e sim por um homem, pelo psicólogo William Moulton Marston (1893-1947). Marston foi um verdadeiro homem da Renascença, além de psicólogo, foi psiquiatra, romancista, jornalista e pioneiro do feminismo.

É nas décadas de 1630 e 1940 (década em que a personagem Mulher-Maravilha é criada), que as reivindicações do movimento feminista haviam sido formalmente conquistadas na maior parte dos países ocidentais (direito ao voto e escolarização e acesso ao mercado de trabalho). A possibilidade de a mulher trabalhar, já que este espaço era praticamente ocupado somente por homens, ganhou força principalmente no contexto das duas grandes guerras. Com grande parte dos homens envolvidos com a guerra, as mulheres ocuparam os postos de trabalho vagos (ALVES, 1985).

A Super-heroína Mulher-Maravilha é a princesa de *Themyscira* (às vezes chamada de Ilha Paraíso), filha da rainha das amazonas, *Hipólita*, a rainha que cedeu seu cinturão a *Hércules*, nos 12 trabalhos. Tal cinturão havia sido dado a Hipólita pelo Deus Ares, como símbolo do poder temporal que a Amazona exercia sobre seu povo (BULFINCH, 2006, p. 148).

A Mulher-Maravilha veio ao mundo como uma estátua de menina de barro criada por Hipólita. Tão apaixonada por sua escultura, a rainha pediu aos deuses que dessem vida à figura, e foi atendida. Recebeu o nome de *Diana*. Junto com a vida, os deuses também "deram várias habilidades a garotinha, e a beleza da deusa *Afrodite*, a força de *Hércules*, a sabedoria de *Atena* e a velocidade de *Mercúrio*" (KNOWLES. 2008, p. 182).

A Mulher-Maravilha, além dos poderes, recebeu dos deuses presentes que ajudaram a aumentar suas habilidades: dois braceletes indestrutíveis, que usava para desviar projéteis e raios, uma tiara que

⁶ *DC Comics* é uma editora estaduniense de HQ's e mídia relacionada, sendo considerada uma das maiores companhias ligadas a este ramo no mundo. Por décadas, a DC é uma das duas maiores companhias de quadrinhos daquele país, ao lado da Marvel Comics (sua rival histórica). Originalmente, a companhia era conhecida como *National Comics* e com o tempo passou a adotar a sigla "DC" que originalmente se referia a *Detective Comics*, uma de suas revistas mais vendidas (a qual é publicada até hoje e apresenta histórias de Batman). Localizada originalmente na cidade de Nova Iorque.

poderia ser usada como bumerangue e um laço mágico inquebrável que fazia com que as pessoas tocadas falassem a verdade.

Quando Diana torna-se adulta, *Steve Trevos*, piloto da Força Aérea Americana colidiu com seu avião na Ilha Paraíso. A Rainha Hipólita decretou que a amazona que vencesse diversas provas, teria a incumbência de levar Steve de volta aos EUA, e se tornaria uma campeã em nome das amazonas em território americano. Proibida de participar por sua mãe, Diana se disfarçou e ganhou a disputa que incluía lutas armadas sobre kangoos (espécies de canguru nativos da Ilha Paraíso), competição de corrida, e apagar balas com seus braceletes. A Mulher-Maravilha adotou a identidade secreta de *Diana Prince*, uma enfermeira da Força Aérea norte-americana.

Após décadas de sua criação, Mulher-Maravilha foi adotada pelos movimentos feministas norte-americanos, pelo alto grau de capacidade realizadora que Marston creditou às mulheres, especificamente no mito grego das amazonas, cuja atualização empreendeu para das “fundamentos” minimamente críveis à sua personagem. A Mulher-Maravilha é uma amazona que veio à terra dos homens saindo da Ilha Paraíso para sublinhar, com traços femininos, que todos preferem a paz, mas brigam sim, quando se faz necessário (BRAGA; PATATI, 2006, p. 79).

Marston adotou uma cosmovisão dualista em sua personagem, a Mulher-Maravilha. Ele sugere que a humanidade está sob duas forças opostas, Ares, Deus da guerra, e Afrodite, Deusa do amor. Ele achava que as mulheres deviam conquistar os homens pelo poder do amor, assegurando a paz na Terra por toda a eternidade.

Francamente, a Mulher-Maravilha é uma propaganda psicológica para o novo tipo de mulher que, creio eu, deveria governar o planeta. Não há amor suficiente no organismo masculino para governar este mundo de modo pacífico. O corpo da mulher contém duas vezes mais órgãos geradores de amor e mecanismos endócrinos do que o homem (KNOWLES, 2008, p. 182).

A mulher ainda é contada, narrada por aqueles que constroem verdades em seus discursos. Marston fala sobre o amor como objeto de poder para a mudança. Simone de Beauvoir, filósofa francesa impactou o mundo com o *Segundo Sexo* neste mesmo período. Para ela, o amor não tem em absoluto o mesmo sentido para um e outro sexo. E é isso uma fonte de graves mal-entendidos que os separam:

O amor foi apontando à mulher como sua suprema vocação e, quando o dedica a um homem, nele ela procura Deus: se as circunstâncias lhe proibem o amor humano, se é desiludido ou exigente, é em Deus mesmo que ela escolherá adorar a divindade. (...) A mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que sua salvação desça do céu onde reinam os homens; eles também estão envoltos em nuvens; é para além dos véus de sua presença carnal que sua majestade se revela (BEAUVOIR, 1980, p.439).

Marston cria uma personagem dentro de um contexto histórico, onde a mulher vale tanto quanto um escravo. As mulheres gregas, universo de onde sai a super-heroína Mulher-Maravilha, não são consideradas cidadãs, e não têm direitos ao contrário dos homens gregos. A personagem Mulher-Maravilha é uma amazona, personagem mitológica, diferente das mulheres gregas, e na literatura estas guerreiras faziam as mulheres questionarem suas experiências de exclusão (BOLTON, 2004, p. 132).

Os estudos de gênero tem se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências excluídas. Neste sentido, aproximaram-se particularmente da psicologia e da antropologia, influências que, sem dúvida, favorecem a ampliação de áreas de investigação histórica (MATOS, 2000, p. 22).

Vale assinalar que Marston dotou sua heroína de um laço, com a propriedade de arrancar dos vilões a verdade absoluta dos fatos, sem restar mentiras. A curiosidade é que Marston, o psicólogo que escreveu os roteiros até 1947, participou também da criação do primeiro detector de mentiras.

3. X-MEN/X-WOMEN: A DEMANDA POR DIVERSIDADE

Mutação: é a chave da nossa evolução e nos permitiu evoluir de uma célula única à espécie dominante do planeta. Esse processo lento, normalmente, leva milhares de anos. Mas a cada centena de milênio, a evolução dá um salto (Narração inicial de *X – Men: O Filme*, 2000).

Criados na armadilha do mesmo, da homogeneidade, temos dificuldades para entender e aceitar a diferença e como consequência

excluimos e discriminamos os diferentes. Este comportamento de suspeita e rejeição em relação a qualquer outro é antagônico em relação ao discurso corrente na sociedade contemporânea que enfatiza relacionamentos saudáveis e respeito às diferenças em todos os âmbitos da vida social.

As histórias em quadrinhos dos “*X-men*” servem de referência para a discussão sobre a diferença, ao supor que há mutantes entre nós: pessoas que nascem com habilidades extraordinárias e, na maioria das vezes, aparências atípicas; uns são capazes de atravessar paredes, outros manipular mentes, há aqueles que podem controlar o fogo, outros o gelo. Há ainda aqueles que possuem asas com uma aparência de anjo, outros, com aparência que lembra um demônio (REBLIN, 2008, p. 81). E por causa de suas capacidades incomuns, tais mutantes causam medo e insegurança nos seres humanos tidos não-evoluídos.

Supõe-se ainda que a evolução seja responsável pelo desenvolvimento de seres com superpoderes na história. Alguns seres humanos possuem o gene “*fator X*” em seu código genético, responsável pelas alterações no seu organismo. Em linguagem científica, esse seria o próximo passo da evolução humana: de *homo sapiens* a homo superior.

Seres humanos diferentes foram obrigados a aprender a conviver (ou não), o que conduz à questão da alteridade. (...) A reflexão a cerca do outro, sempre ocorre no encontro com o outro diferente e, nesse encontro, a alteridade sempre oscilava entre uma visão depreciativa e uma visão ingênua acerca do outro diferente. (...) Mas ambas as visões desconsideravam o outro como ser humano (REBLIN, 2008, p. 83-84).

Os seres humanos não consideram estes seres diferentes como ‘seres humanos’ e, por isso tacham-nos de mutantes, mesmos estes, sendo o próximo passo da evolução. Assim prevalece o preconceito onde sempre diminui o outro.

Contam as histórias em quadrinhos que, com estes seus poderes colossais, os mutantes poderiam facilmente tornar-se válido a sua própria vontade, reprimindo os humanos. Mas existem aqueles que, sonham com uma coexistência pacífica entre seres mutantes e seres humanos, em que defendem este ideal (professor *Charles Xavier* e seus pupilos, os super-heróis *X-men*), e há outros que não acreditam nesta aspiração. Julgam os seres humanos como uma raça do passado, e o futuro pertencem à raça mutante, que deve subjugar a inferior raça humana, a raça que não evoluiu (*Magneto* e a *Irmandade Mutante*), pois após sofrerem a

discriminação, eles, seres superiores, também passariam a discriminar os 'humanos'. Este é o enredo do time de Super-Heróis mais famosos no mundo das HQ's Comics⁷, os X-men.

Mas, as HQ's destes super-heróis não nos mostram somente o impasse sobre discriminação entre humanos e mutantes, elas vão além. Falando em diferença, as HQ's dos super-heróis X-men, apresenta-nos o assunto sobre a diferença entre os sexos. As HQ's destes super-heróis foram os primeiros da Marvel Comics a apresentar super-heroínas em papéis de destaque, bem como uma grande diversidade delas (IRWIN, 2009).

Com o final da segunda grande guerra e o retorno da força de trabalho masculina, o discurso sobre a naturalização dos sexos e os papéis que cabe a cada um na sociedade é exacerbado. Novamente, as mulheres são convocadas a voltar aos seus lares para a paz nacional. Atribui-se o espaço doméstico como o único saudável para a mulher e para a família, retirando-a do mercado de trabalho, para ceder seu lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da "Rainha do Lar", exacerbando-se a mistificação do papel da dona-de-casa, esposa e mãe.

No final da década de 1940, quando Simone de Beauvoir lança o seu livro *O Segundo Sexo*, é uma voz isolada neste momento de transição. Ela descreve como forma de denúncia as raízes históricas e culturais da desigualdade sexual. Para Beauvoir, em nossa cultura é o homem que se afirma por meio de sua identificação com o seu sexo, e esta autoafirmação, que o transforma em sujeito, é feita sobre a sua oposição com o sexo feminino, transformado em objeto, e visto pelo sujeito (BEAUVOIR, 1980). A análise de Beauvoir constitui um marco na medida em que delinea os fundamentos da reflexão feminista que ressurgirá a partir da década de 1960.

Stan Lee e Jack Kirby estavam no olho do furacão no início da década de 1960. O movimento por direitos civis e de libertação feminina estava em seu auge nos Estados Unidos, e é nesta conjuntura histórica, em setembro de 1963, que Lee/Kirby criam o universo mutante dos X-men. Os times de super-heróis já incluíam mulheres, como por exemplo, a Mulher Maravilha na *Liga da Justiça*, *Canário Negro* que se junta a ela; *Sue Storm* no *Quarteto Fantástico*; *Vespa* nos *Vingadores* etc. Mas, os X-men apresentam modelos femininos mais fortes e autônomos que a típica história de super-heróis.

⁷ Histórias em quadrinhos americanos.

As super-heroínas dos X-men, as *X-women*, não são apenas beldades usando botas apertadas e peitorais, são verdadeiras heroínas de origens diversas, com enredos intrigantes em suas histórias e uma vida interior igualmente intrigante (IRWIN, 2009, p. 91). Na escola do Professor Xavier para jovens superdotados, as X-women são criadas como pensadoras independentes, com vontade forte e rígidas como ferro. Pela infinidade de super-heroínas no universo mutante, nos deteremos sobre duas personagens e sua histórias – *Tempestade e Jean Grey*.

Tempestade

A população diversificada em X-men inclui a personagem afro-americana *Ororo Munroe*, de codinome *Tempestade*, filha de uma princesa africana com um fotógrafo norte-americano (IRWIN, 2005, p.86). Ela ficou órfã muito cedo, pois seus pais morreram soterrados sob escombros de um prédio, ficando abandonada e sozinha nas ruas do Cairo, Egito. Como muitas jornadas mitológicas heroicas, a história desta X-woman, começou com uma tragédia. Apesar de sua história trágica, Tempestade consegue tomar sempre decisões corretas, pois não tem pressa alguma, e não tem a tentação de fugir da responsabilidade. Um ser virtuoso, segundo o filósofo grego Aristóteles⁸.

Tempestade é uma líder nata, aceita a responsabilidade de assumir a liderança dos X-men, por vários anos, é inteligente, com dedicação ao dever que produz uma lealdade impar, é sensível e muito poderosa. Suas habilidades mutantes incluem controle do voo e das condições climáticas, daí seu codinome, Tempestade. Ela (...) atende o chamado para novas aventuras, trocando o conhecido pelo desconhecido, enfrentando provações, aprendendo com elas e retornando para casa (...) com uma rica sabedoria.

Tempestade deixa o isolamento e a segurança do Quênia onde é venerada como uma deusa por seus incríveis poderes, para juntar-se ao Professor Xavier nos EUA, atravessando aquele limiar e enfrentando pesadas provações, tudo em nome da justiça e do bem (IRWIN, 2005, p.86).

⁸ A Virtude é uma disposição estabelecida que leva à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determina. Ver Aristóteles (2007).

Tempestade é uma mulher bonita, com um corpo perfeito (estereótipo de mulher sob a concepção masculina), mas não está em cena só por seu tipo físico, ela é o centro de uma matriz heterossexual patriarcal e tradicional, o relacionamento clássico homem-mulher. Ela é ela mesma, e acrescenta considerável substância aos X-men (IRWIN, 2005, p.86).

Tempestade mostra que é possível viver em uma sociedade sem diferenças, (pois ela vive em uma), quebrando a discriminação sobre a figura da mulher. Ela como mulher, tem um papel de destaque, assumindo papel de líder, mostrando que não há diferenciação entre homens e mulheres, todos são mutantes, todos são os X-men.

Jean Grey: a Fênix

Como vimos anteriormente, os X-men foi a primeira HQ a apresentar as mulheres como super-heroínas com papel de destaque na Marvel Comics. E *Jean Grey*, foi a primeira aluna do *Professor Xavier* em sua *Escola para Jovens Super Dotados, o Instituto Xavier*. *Jean Grey* foi a primeira X-woman a ser criada por Lee/Kirby em 1963.

Jean Grey é uma entre os sete mutantes originais apresentados nos X-men; uma jovem com tremendas habilidades mentais (IRWIN, 2009, p. 92), cujos poderes são a telepatia e telecinesia. É muito diferente da personagem *Tempestade* criada na década de 1970, mais de dez anos depois de *Jean*. Ambas estão inseridas nas novas relações sociais entre homens e mulheres na sociedade norte-americana. Se por um lado a personagem *Tempestade* é esperta, autoconfiante e altamente habilidosa e opera sem a necessidade de um amor romântico, *Jean Grey* é retratada como alguém confiável, leal e inteligente, mas sem grande autoconfiança e dependente dos homens à sua volta; ela vive na sombra do *Grande Professor Xavier*. Atraente, faz parte de um triângulo amoroso com seus colegas de X-men *Scott Summer* e *Logan (Ciclope e Wolverine)*. *Jean Grey* funciona como matriz heterossexual, promovendo o relacionamento tradicional homem-mulher às plateias (IRWIN, 2009, p. 91).

A personagem de *Jean Grey* está destinada a um passo gigantesco no processo de evolução. Para os assíduos leitores das HQ's dos X-men, *Jean Grey* é o sinônimo da *Fênix*, um ser cósmico que assume a identidade de *Jean* após ela ser exposta a altos níveis de radiação solar durante uma missão de salvamento.

Desde a sua chegada ao Instituto Xavier, *Jean* teve de lutar pela vida. Possuída por uma entidade cósmica (a *Fênix*), ou traída por seu

único amor com Emma Frost, a Rainha Branca, desde sua estreia, *Jean Grey* tem lutado e se sacrificado, “ad infinitum”, em inúmeros futuros, dimensões e linhas de tempo. Sua existência parece ser infinita porque seus poderes mutantes lhe permitem invocar e se fundir com a força cósmica da vida e da morte. *Jean* teve mais ressurreições que qualquer outro personagem dos X-men, o que significa que ela também morreu mais que qualquer outro mutante na série. Entretanto, sua existência pertence a alguém que se recria a si mesma permanentemente a partir das cinzas do passado, alguém que personifica o ideal existencialista a um grau sem precedente, uma vez que, por meio de suas escolhas, ela redefine repetidamente o significado de sua existência, remodelando o X-verso em que vive (IRWIN, 2005, p. 93).

A maior parte dos seres nasce de outros indivíduos, mas há uma certa espécie que se reproduz sozinha (...) a fênix. Faz um ninho de ramos (...), nele junta cinamomo, nardo e mirra, e com essas essências constrói uma pira sobre a qual se coloca, e morre. Do corpo da ave surge uma nova fênix, destinada a viver tanto quanto a sua antecessora (BULFINCH, 2006, p. 295).

Na trilogia dos filmes dos X-men⁹, *Jean Grey* exhibe os três principais níveis da ética de justiça de Kohlberg¹⁰ (1981). Ela passa pelo nível pré-convencional, orientada por aqueles que têm autoridade, neste caso o Professor Xavier. Parece tímida e submissa, com uma voz suave, explicando o fracasso a Xavier ou desculpando-se por não poder realizar certas tarefas porque não é muito poderosa (*X – Men: O Filme*, 2000).

Ela também exhibe em muitas ocasiões o nível convencional de desenvolvimento moral, quando age para agradar aos outros de acordo com suas expectativas. Por fim, quando no final do segundo filme (*X-men 2*, 2003), *Jean* sacrifica sua vida para salvar seus colegas, poder-se-ia dizer que ela atingiu o estágio final, pós-convencional da ética de Kohlberg. Nesse ato, ela rejeita os desejos e apelos dos outros e age por conta própria para preservar o bem comum, independente de seus vínculos e relacionamentos emocionais. Ela pode ser vista em seu supremo ato de autossacrifício como a utilitarista quintessencial, calculando o melhor interesse do maior número de pessoas envolvidas e, em um ato de fria racionalidade, escolhe a ação, ainda que isso signifique a morte.

⁹ Adaptação hollywoodiana das HQ's para o cinema.

¹⁰ A ética da justiça de Kohlberg é centrada em regras e direitos. A ética do cuidado enfoca os relacionamentos e o cuidado com as pessoas.

Não estaria *Jean Grey* agindo segundo a mais profunda forma de cuidado? (IRWIN, 2005, p. 92). Quando se sacrifica para salvar seus colegas de time (os X-men), ela segue uma interpretação comum da ética do cuidado¹¹ de Gilligan (1982), que insiste em que as mulheres se considerem tão merecedoras quanto os homens. Muitas analistas feministas sugerem que a ética do cuidado, interpretada de modo correto, exclui qualquer tipo de sacrifício pelos outros. No entanto, o equilíbrio entre o interesse saudável da mulher por si mesma e o interesse apropriado pelo bem-estar dos outros (IRWIN, 2005, p. 42). Muitas analistas feministas sugerem que a ética do cuidado, interpretada de modo correto, exclui qualquer tipo de sacrifício pelos outros. Elas recomendam, no entanto, o equilíbrio entre um interesse saudável da mulher por si mesma e o interesse apropriado pelo bem-estar dos outros (IRWIN, 2005, p. 92).

A ética da justiça é centrada em regras e direitos. Já a ética do cuidado enfoca os relacionamentos e o cuidado com as pessoas. Quando *Jean* enfrenta uma situação na qual a vida de todos os seus amigos mais próximos só pode ser salva pelo sacrifício de sua vida, ela vai além do chamado dever e transforma seu ato em heroico. Ela não age por dever, mas sim, por amor, cuidado e interesse, sabendo que só com seu sacrifício pode salvar a vida dos X-men. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida, por seus amigos (EVANGELHO DE SÃO JOÃO, c15, v13).

Agindo assim, ela se torna uma espécie de mártir feminina e sua morte parece pressagiar uma ressurreição, algo que será apresentado no filme *X-men 3: O confronto final* (2006). *Jean Grey* prova que este não é privilégio só dos homens. E, ao fazer isso, ela talvez esteja superando a dualidade implícita tanto na ética do cuidado quanto na interpretação feminista. Ela não pesa seus direitos em relação aos seus colegas, e não questiona quem vai cuidar melhor; dela mesma ou deles. É possível que ela tenha transcendido por meio da dualidade para uma singularidade ou unidade com os outros, a ponto de elidir a diferença entre autossacrifício

¹¹ A ética do cuidado envolve a batalha entre a disponibilidade e a indisponibilidade para incluir as pessoas ou os grupos na capacidade gerativa. Manifesta-se uma força de simpatia que é a virtude do cuidado e uma inclinação de antipatia, uma tendência à rejeição. Pelo fato do cuidado ser seletivo, é sempre inevitável algum tipo de rejeição. A ética, o direito e o discernimento devem definir a extensão permissível desta rejeição inerente a qualquer grupo. Com o propósito de reduzi-la, a religião e as ideologias devem continuar a defender a universalização do cuidado.

e autopreservação. Ela faz o que precisa ser feito pra a preservação da unidade maior.

Jean transcende as demandas e deveres da ética normal, ao agir além do chamado de dever, e isso lhe traz surpreendente recompensa, por meio de um renascimento como a extraordinária e poderosa Fênix (IRWIN, 2005. p. 93). Essa pode ser a moderna apresentação mítica do supremo poder transformativo do amor. *Jean Grey* morre, mas renasce de suas cinzas, como a poderosa Fênix, uma poderosa mulher.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a mulher e sua participação na sociedade, na organização familiar, nos movimentos sociais e no trabalho, vêm crescendo e este tema adquiriu importância política e social, além de acadêmica, especialmente após a incorporação da categoria gênero, conceito criado por Joan Scott. Ensinou Scott que gênero é uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos, recusando assim o determinismo biológico (SCOTT, 1998, p.15). Ao introduzir na história dos sexos a dimensão relacional, não somente as mulheres, mas os homens também são uma construção histórica e social.

Desde que surgiram, as histórias em quadrinhos se adaptaram e se integraram ao contexto histórico no qual estavam inseridas, sendo que os personagens e os enredos se tornam expressões dos anseios, valores, preconceitos e mesmo das frustrações de seus criadores, eles mesmos produtos de sua época. Nos quadrinhos estão as representações do real, ou daquilo que no que se deseja transformar a realidade (NOGUEIRA, 2010).

Protegidas pela tinta e pelo papel, os personagens das HQ's materializam representações que são constantemente retomadas, reatualizadas e normatizadas sob a forma de um simples exercício de leitura; do jogo lúdico entre palavra e imagem, que aparentemente desvincula do mundo real, retoma, recria e fundamenta modelos e saberes (OLIVEIRA, 2007.p.23).

As HQ's retratavam a supremacia masculina instalada no social, restando à mulher o papel de submissão aos homens, sempre como mocinhas coadjuvantes ou como auxiliares do super-herói. Quando a sociedade ocidental avançou nas garantias de direitos e cidadania às mulheres, as HQ's passaram a representar esta nova mulher, agora com superpoderes.

Apesar de ser a primeira mulher a ganhar superpoderes nas histórias em quadrinhos, a Mulher-Maravilha nem sempre mereceu grande destaque, reproduzindo as relações de poder e de gênero instaladas no social. A “natureza feminina” construída para enclausurar a mulher como esposa e mãe somente, poderosa construção discursiva que atravessa os tempos e que inferioriza um dos sexos, se refletiu na personagem que quase sumiu das bancas, ganhando papel de ajudante do super-herói masculino.

A história ocidental é marcada por discursos e práticas que tentam de todas as maneiras parecer natural aquilo que é socialmente construído. O discurso sobre a natureza dos sexos foi talvez o mais poderoso discurso, porque impedia que as mulheres, por exemplo, reivindicassem liberdade e autonomia. As mulheres, utilizadas como metáfora pelos demais sujeitos subsumidos pelo discurso moderno que colocou no centro do poder o homem, branco, heterossexual. A árdua tarefa de desconstrução ainda está a ser feita. Mulheres, homossexuais, negros, índios, pobres etc procuram desmontar a representação em que foram enredados. Redes poderosas que construíram inclusive o consentimento dos representados. Ensina-nos Chartier que:

Um objecto maior da história das mulheres é, por isso, o estudo dos discursos e das práticas, desdobrando-se em múltiplos registros que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os sexos: assim a divisão das tarefas e dos espaços, a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sociais, a exclusão da esfera pública, etc. Longe de afastarem do ‘real’ e de se limitarem a indicar as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, inscrevem-se nos pensamentos e nos corpos de uns e outras (CHARTIER, 1995. p. 39).

Diversos aparatos culturais e pedagógicos foram utilizados para nomear os sexos e estes mesmos artefatos estão contribuindo para desmontar esta construção. Literatura, currículo escolar, manuais, novelas etc fariam parte destes exemplos. As HQ's estão imersas nesta rede discursiva. Discurso poderoso porque chega ao leitor desprezenciosamente. Mesmo precisando ser salvas pelos super-heróis ou auxiliando-os, as mulheres começam a ganhar poderes e tornam-se super-heroínas nas HQ's. Aos poucos, começam a sair da sombra do super-herói, conquistando seu espaço, buscando sua autonomia, na mesma

medida em que as mulheres na vida real, fora da história de ficção, conquistaram seu espaço na sociedade.

A partir da década de 1940, com a criação da super-heroína, *Mulher-Maravilha* e, principalmente na década de 1960 e 1970, com o turbilhão dos movimentos feministas nascem os super-heróis X-men, com as super-heroínas adquirindo grande destaque: como a poderosa mutante *Jean Grey*, primeira aluna do Instituto Xavier, no início da década de 1960 e, uma década mais tarde a mutante do tempo, *Tempestade*, líder em frente ao time de super-heróis X-men.

As histórias em quadrinhos, como a literatura em geral, têm responsabilidade pelos avanços e retrocessos nas relações de gênero. São discursos importantes que reproduzem as relações sociais com sua carga de preconceitos e estereótipos, mas podem ser também inovadores e transgressores, revolucionários na mudança destas mesmas relações.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2ª ed. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2007.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOLTON, Lesley. *O livro completo da mitologia grega*. São Paulo: Madras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Observações sobre a História das Mulheres. In: *As Mulheres e a História*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- BRAGA, F.; PATATI, C. *Almanaque dos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. Histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CHARTIER, Roger. História das mulheres, séculos XVI-XVII. Diferenças entre os sexos e violência simbólica. In: *As Mulheres e a História*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- EVANGELHO DE SÃO JOÃO. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ave Maria, 1989.

- GILLIGAN, Carol. *In a different Voice: psychological theory and Women's development*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- IRWIN, Willian. *Super – Heróis e a Filosofia*. São Paulo: Madras, 2005.
- IRWIN, Willian. *X-men e a filosofia: visão surpreendente e argumento fabuloso do X-verso mutante*. São Paulo: Madras, 2009.
- KNOWLES, Christopher. *Nossos deuses são super-heróis*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- KOHLBERG, Lawrence. *The philosophy of moral development*. New Youk: Harper Collins, 1981.
- MATOS, Maria Izilda S. *Por uma história da mulher*. Bauru,SP: EDUSC, 2000.
- NOGUEIRA, Natania A. Silva. *Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL*. Disponível em <http://www.historiaimagem.com.br/edicao10abril2010/reprfeminquadrinhosebal.pdf>. 10 abr. 2010. Acesso em 06 jun. 2010.
- OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. *Mulher ao quadrado: as representações femininas nos quadrinhos norte-americanos. Permanências e ressonâncias*. Brasília: EDUNB/Finatec, 2007.
- REBLIN, Iuri A. *Para o alto e avante: uma análise do universo criativo dos super – heróis*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- SCOTT, Joan. *La citoyenne paradoxale. Lès féministes françaises et lès droits de l'homme*. Paris: Albin Michel, 1998.

